

«Cyber Europe 2018» — Preparar-se para a próxima crise de cibersegurança

A Agência da UE para a cibersegurança, ENISA, organizou um exercício internacional de cibersegurança

Imagine o seguinte cenário: Um dia como os outros no aeroporto. Subitamente, as máquinas de auto atendimento apontam para uma falha do sistema. As aplicações de viagens nos telemóveis deixam de funcionar. Os computadores dos empregados de balcão não reagem. Os passageiros não conseguem registar as bagagens nem passar pelos controlos de segurança. Formam-se grandes filas em todo o aeroporto. Os monitores do aeroporto indicam que todos os voos foram cancelados. Por motivos desconhecidos, a secção de bagagem perdida deixa de funcionar e mais de metade dos aviões ficam em terra.

Afirma-se que um grupo radical se serviu de ataques digitais e híbridos para controlar os sistemas críticos do aeroporto. O grupo já reivindicou a responsabilidade pelo incidente e está a utilizar os seus canais de propaganda para divulgar um apelo à ação e atrair mais pessoas para as suas ideologias radicais.

Foi este o cenário intenso que mais de 900 especialistas europeus da cibersegurança de 30 países tiveram de enfrentar em 6 e 7 de junho de 2018, aquando do «Cyber Europe 2018» (CE2018), o exercício de cibersegurança mais completo realizado na UE até à data.

Os dois dias de exercício foram orquestrados pela ENISA na Grécia, na sede de Atenas, mas os participantes permaneceram no seu local de trabalho habitual ou reuniram-se em células de crise. A ENISA controlou o exercício por meio da plataforma para os exercícios de cibersegurança – CEP, que cria um «universo virtual» (ambiente integrado) para simular o mundo, com material sobre incidentes, assim como sítios de informação, redes sociais, sítios de empresas e blogues sobre a segurança virtuais.

Organizado pela agência da UE para a cibersegurança (ENISA), em colaboração com as autoridades e agências de cibersegurança de toda Europa, o CE2018 teve por objetivo permitir à comunidade europeia de cibersegurança reforçar a sua capacidade de identificação e combate das ameaças de grande escala, bem como facultar uma melhor compreensão do contágio transnacional de incidentes.

Mais importante ainda é o facto de o CE2018 ter permitido às organizações testar os seus planos internos de continuidade das atividades e de gestão de crises, incluindo a comunicação social em caso de crise, reforçando, ao mesmo tempo, a cooperação entre entidades públicas e privadas.

O cenário previa incidentes de natureza técnica e não técnica, inspirados da vida real, que requeriam uma análise das redes e dos programas maliciosos, bem como uma investigação forense e estenográfica. Os incidentes previstos no cenário tinham sido concebidos para provocar uma crise a todos os níveis possíveis, isto é, a nível organizacional, local, nacional e europeu.

Mariya Gabriel, membro da Comissão responsável pela Economia e Sociedade Digitais, declarou: «A tecnologia oferece inúmeras possibilidades em todos os setores da nossa economia, mas encerra também riscos para as empresas e os cidadãos. A Comissão Europeia e os Estados-Membros devem colaborar estreitamente e dotar-se dos instrumentos necessários para detetar os ciberataques e proteger as redes e os sistemas. Foi assim que se concebeu o exercício «Cyber Europe» da ENISA há oito anos. Após ter

adquirido uma importância crescente, este exercício de cibersegurança tornou-se um evento emblemático da UE, que reúne centenas de especialistas da cibersegurança vindos de toda a Europa. Devemos aproveitar este êxito e estou convicta de que poderemos continuar a desenvolver os mecanismos de cooperação da UE, em particular aqueles que nos permitem dar resposta aos ciberincidentes de grande impacto.»

O Professor Udo Helmbrecht, diretor executivo da ENISA, explicou: «Na última década, o setor da aviação deu um grande salto na era da tecnologia, em plena evolução. Hoje em dia, beneficiamos das vantagens das aplicações de navegação, do registo em linha e da automatização da monitorização das bagagens. As tecnologias inteligentes não só permitem poupar tempo e dinheiro como facilitam a vida dos viajantes. Porém, à medida que a tecnologia evolui, as ciberameaças aumentam. Eventos como o «Cyber Europe 2018» permitem à nossa agência reforçar o nível da cibersegurança na UE. O trabalho conjunto dos países europeus e das organizações, que agem como uma só entidade, são a resposta moderna às ameaças à cibersegurança, que não conhecem fronteiras. Em nome da ENISA e do seu pessoal, gostaria de felicitar todos os que participaram no “Cyber Europe 2018”.»

No final do exercício, os participantes conseguiram atenuar os incidentes de forma diligente e eficaz. Este sucesso mostra que o setor europeu de cibersegurança cresceu ao longo dos últimos anos e que os intervenientes estão muito mais bem preparados. A ENISA e os participantes farão, em breve, um balanço do exercício e analisarão as medidas tomadas a fim de identificar os domínios que podem ser melhorados. Em devido tempo, a ENISA publicará um relatório final.

Factos num relance

Países participantes: 29, Áustria; Bélgica; Bulgária; Croácia; Chipre; República Checa; Dinamarca; Estónia; Finlândia; França; Alemanha; Grécia; Hungria; Irlanda; Itália; Letónia; Lituânia; Luxemburgo; Malta; Países Baixos; Noruega; Polónia; Portugal; Roménia, Eslováquia; Eslovénia; Espanha; Suécia; Suíça; Reino Unido
Organizações participantes: aproximadamente 300

Número de participantes: mais de 900 de profissionais da cibersegurança

Número de elementos de ação: 23 222

Exercícios Cyber Europe

Os exercícios «Cyber Europe» são simulações de incidentes de cibersegurança que se propagam por toda a União Europeia. Os exercícios permitem analisar incidentes de cibersegurança avançados e fazer face a situações complexas de continuidade das atividades e de gestão de crises. A ENISA já organizou quatro exercícios pan-europeus no domínio da cibersegurança: em 2010, 2012, 2014 e 2016.

A cooperação internacional entre todas as organizações interessadas faz parte do jogo, que conta com a participação da maior parte dos países europeus. Trata-se de uma experiência de aprendizagem flexível: os participantes têm a possibilidade de adaptar o exercício às suas necessidades, podendo optar pela participação de um só analista ou de toda uma organização e escolher ou excluir certos cenários.